

'M.T.M.', novo espetáculo do Fura dels Baus, crítica a manipulação da informação

Grupo catalão inaugura em Lisboa novo ciclo de trabalho, com muito texto e grande uso de recursos audiovisuais

CRISTINA R. DURAN
Especial para o Estado

LISBOA — A sensação de vertigem persiste, mas os Fura dels Baus (conhecidos pelos paulistas em 1990, com *Suez/o/Suez*) mudaram e, agora, esperam que o público também se renove e evolua com eles. Estrado em Portugal, a pedido e com apoio da Sociedade Lisboa 94 para a Capital Europeia da Cultura, *M.T.M.* critica a manipulação da informação e é o espetáculo que marca a nova fase na carreira do grupo. Fricção entre os atores e o público, utilização plena do espaço, delírio e loucura se somam agora a muito texto e recursos audiovisuais.

Se alguém sai no-lhado, agora só pode ser do suor provocado pela angústia. Os tradicionais excrementos, água, fígados, fogos, aparecem somente na tela, para os novos Fura dels Baus, que os desejam quem quiser, eles já não os distribuem a torto e direito. Os portugueses adoraram e *M.T.M.* se tornou uma das principais atrações da Capital Cultural. O espetáculo deve chegar ao Brasil no primeiro trimestre de 1995. O ator Hansel, o homem que empunha a câmera entre o público e manipula a informação, falou ao *Caderno 2* sobre o novo ciclo do grupo.

★
Caderno 2 — Este espetáculo é uma nova etapa no caminho dos Fura dels Baus?

Hansel — Estamos em um momento em que consideramos que acabamos um ciclo para começar outro. Acabou com nosso quarto espetáculo. *Nova* fizemos sem querer uma trilogia e fechamos esta etapa.

Ai paramos para pensar: ou cruzamos os braços ou começamos. Decidimos não parar, porque todos os grupos que viveram uma evolução, de dez, dezoito anos, como nós, sempre passam por fases difíceis. É como nos casamentos: sempre há muitas crises. Analisamos nossa evolução e futuro e vimos que sempre evoluímos através da investigação e por pura necessidade pessoal, como criadores. Não poderíamos nos dar o luxo de abandonar tudo porque estamos em crise. Concluímos: Fura mueria, nasceu Fura.

Caderno 2 — Como vocês estão avaliando este novo ciclo?

Hansel — Não quer dizer que nossa escola e forma tenham mudado. Como disse, nós sempre trabalhamos com investigação e vontade de ampliar nosso conhecimento. Sem abandonar nosso estilo, passamos a introduzir novos valores que não havíamos utilizado até agora. Um é o audiovisual total e a utilização de texto e palavras.

NOVO ESPETÁCULO DEVE CHEGAR AO BRASIL NO PRIMEIRO TRIMESTRE DE 1995

Caderno 2 — O texto passa a ser fundamental?

Hansel — Não é texto corrído. O público conhece o Fura por várias razões, mas sobretudo porque nunca falamos nas obras e tudo sempre foi sinergia e inter-relação entre público e espaço. Entre nós, sempre falamos, sempre houve diálogo e improvisação. O público, de certa forma, viu que utilizamos o gesto e a energia física para transmitir a leitura das personagens. O que muda agora é que este texto subterrâneo aparece nas frases. Mas isso é apenas uma das partes do espetáculo — tem também a informação textual na tela e a manipulação da informação



TEATRO

Rogério Assis/AF

O Fura dels Baus, durante apresentação em São Paulo: agora, os tradicionais excrementos, água, fígados e fogos só aparecem em tela

através da câmera, que vai mostrando ao vivo ações, algumas reais, outras que se deixam em dúvida.

Caderno 2 — É uma crítica aos mass-media?

Hansel — É uma crítica à manipulação da informação. Desde que o mundo é mundo tudo é manipulado, mas pensamos que atualmente a sociedade lhe dá muita importância e até depende dela: já não é o que diz a TV, é o que você quer que a TV te diga. Há muitos programas que você nem vê, outros são loucuras. Os concursos decadentes, a facilidade de ter uma parábola, televisão ou carro mesmo sem ter nada para comer. Chegamos ao limite: a necessidade de ver cérebros e sangue e este boom maior que são, agora, os reality shows que entram na tua casa e mexem na tua intimidade. Este espetáculo é isso: toca na manipulação da informação, na motibidez do telespectador.

Toda esta mudança, para muita gente nem aparece. Mas estamos dando abertura para a renovação do público.

Caderno 2 — Como foi a reação dos portugueses, o primeiro público a ver a nova etapa do grupo?

Hansel — É a terceira vez que estamos aqui. Adoramos os portugueses e acho que eles também gostam muito de nós. Ao estreiar um espetáculo, precisamos de um tempo para lhe dar melhor forma porque até então não tivemos o tradicional contato com o público. Mas a reação não foi das melhores. Falou um pouco mais de retorno crítico.

Caderno 2 — A fricção com o público continua?

Hansel — Totalmente porque isso somos nós, não podemos negar. Precisamos da fricção entre o público até porque entre nós também trabalhamos assim e é através disso que saem nossas imagens e conceitos.

Caderno 2 — Por que esta necessidade de mudar, de ser sempre vanguarda?

Hansel — Deixamos de ser vanguarda quando passamos a ser clássico. Nós aprendemos a seguir a tradição e a seguir a evolução, mas não podemos fazer isso sem a tradição. Nós aprendemos a seguir a tradição e a seguir a evolução, mas não podemos fazer isso sem a tradição.

Caderno 2 — Muita gente diz que vocês são violentos. O que você acha disso?

Hansel — Nossa violência está na nossa clareza. Quando se pode gente em evidência, você fica violento ou não.